

Dossiê: Abordagens antropológicas contemporâneas sobre técnica e tecnologia

Apresentação

Paulo Gomes de Almeida Filho

Doutorando em Antropologia Social - PPGAS
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Pesquisador colaborador do grupo ETAPA – Etnologia, Tradição,
Ambientes e Pesca Artesanal
pfilhoantropologo@hotmail.com

Eduardo Di Deus

Professor da Faculdade de Educação – FE
Universidade de Brasília
Pesquisador colaborador do Laboratório de Antropologia da Ciência e
da Técnica – LACT/DAN/UnB
eduardodideus@unb.br

Técnica e tecnologia: novos horizontes antropológicos no Brasil

É preciso, portanto, antes de tudo, assinalar qual é o lugar da tecnologia, quais trabalhos ela produziu, quais resultados já foram adquiridos, o quanto ela é essencial para todo estudo do homem, de seu psiquismo, das sociedades, de sua economia, de sua história, do próprio solo do qual vivem os homens e, conseqüentemente, de sua mentalidade (Marcel Mauss. Journal de Psychologie, 41 (1948), Paris. Comunicação enviada às Journées de psychologie et l'histoire du travail et des techniques em Toulouse, no ano de 1941).

Tendo em vista o projeto e a razão da Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRN, de oportunizar a circulação de trabalhos acadêmicos-científicos em antropologia, aproveitamos o excelente espaço de divulgação deste periódico eletrônico para reunir nesta edição artigos que resultam de pesquisas (teóricas e empíricas) realizadas no Brasil sobre técnica e tecnologia. Neste sentido, este dossiê se soma a outros esforços da mesma

natureza na consolidação de um campo de estudos que tem despertado cada vez mais interesse no cenário acadêmico brasileiro, dado seu potencial de trazer novas abordagens para questões pungentes em nosso contexto intelectual.

Embora a expansão deste campo no Brasil não some duas décadas, a atenção à técnica não é uma novidade em nossa disciplina, ela está presente desde as primeiras monografias, embora, a princípio, apareça nelas como um elemento associado à magia, ao trabalho e/ou à cultura material. Foi, no entanto, a partir de Marcel Mauss, no artigo intitulado *As técnicas do corpo* ([1936] 2003), que ela passou a ser abordada como um entre outros “fenômenos da totalidade”, ou seja, que mobilizam o “homem total”, em suas dimensões orgânica, psicológica e social, e não apenas como um fenômeno apêndice de outros (economia, parentesco, política e ritual). Dessa forma, o antropólogo francês deu um importante impulso ao tratamento da técnica na antropologia, a partir de sua definição como “ato tradicional eficaz”. Na “fórmula de Mauss” (SIGAUT, 2003), estão ressaltadas suas características de ação, movimento, relação, mas também uma dimensão de aprendizagem, de gênese social e, por fim, a conexão com a matéria (sem, com isso, a ela se reduzir).

Embora em suas produções sobre a técnica o autor tenha a defendido como produto exclusivo de agências humanas – proposição hoje contestada –, da obra de Mauss ficam algumas premissas sobre o estudo da técnica que norteiam as pesquisas sobre o tema até hoje: a não oposição entre técnica e tecnologia, a ênfase no aspecto relacional e, sobretudo, o caráter transformador.

Sob influência de Mauss, desdobrou-se através de dois de seus alunos, André-Georges Haudricourt e André Leroi-Gourhan, a chamada tecnologia cultural no escopo da escola francesa de antropologia. Haudricourt (2014 [1962]), por exemplo, propunha que as técnicas são formas de ação que estabelecem vínculos distintos entre seres e coisas. O autor também propôs uma abordagem sobre as técnicas cujo foco da análise está no processo ao invés do resultado/fim. Já Leroi-Gourhan adensou as discussões sobre as técnicas, definindo-as como inerentes à construção relacional no tempo-espço humano. Seguindo a proposição de seu mestre, sobre o corpo como o primeiro instrumento técnico, o autor empreende um exaustivo estudo sobre o *gesto* e as formas de ação sobre a matéria (1984a [1943]; 1984b [1945]). Na totalidade de sua obra, Leroi-Gourhan conferira maior

atenção aos processos/usos em detrimento das formas. Ou seja, interessava-lhe mais os artefatos em ação, vistos por ele como extensões do gesto (1990 [1965]).

Em síntese, sobre a importância da antropologia da técnica francesa, Sautchuk comenta que, a partir destes trabalhos pioneiros

surtem conceitos que configuram um novo horizonte de tratamento da técnica na antropologia, inclusive do ponto de vista empírico, afastando-se das perspectivas formalistas e descritivas da cultura material. O conceito mais difundido é provavelmente o de cadeia operatória que [...] aponta para o caráter processual e dinâmico da técnica, enquanto sucessão e associação de atos, ferramentas e materiais (2017, p. 25).

Nas duas últimas décadas do século XX, podemos dizer, se deu a consolidação dos estudos sobre a técnica nos centros especializados de antropologia, através da reunião de pesquisadores em bases de pesquisas, grupos de trabalho, mesas redondas e palestras em eventos (locais, regionais, nacionais e internacionais) de antropologia, que estudam a técnica em interface com os mais diversos aspectos da vida social. Disto resulta uma variedade de produções acadêmicas (dossiês, monografias, publicações teóricas-metodológicas e periódicos especializados) sobre o tema (cf. Revista *Techniques & Culture*; LATOUR & LEMONNIER, 1994; LEMONNIER, 1993).

Na esteira desta tradição intelectual, alguns autores contemporâneos têm ajudado através de trabalhos originais a alargar e redefinir a técnica desde uma perspectiva antropológica. Um bom exemplo disso é a teoria dos *híbridos* de Bruno Latour (1994 [1991]). No final dos anos de 1980, quando a antropologia ainda se recuperava das críticas emitidas pelas abordagens pós-coloniais, no livro *Jamais Fomos Modernos*, Latour se questionava sobre a suposta modernidade que havíamos deixado para trás, problematizando-a através de suas promessas e dispositivos. Nesta obra, o autor chama a atenção para uma característica marcante da modernidade: a proliferação dos *híbridos* ou *quase-objetos*, transversais à ciência/técnica, à política/social e ao discurso/linguagem –, resultado das tentativas de *purificação* da realidade. Assim, o autor dedica especial atenção aos processos de mediação entre humanos e animais, tendo a técnica como elemento articulador. Na mesma época, Latour publicaria uma primorosa etnografia com olhar para as técnicas, ao estudar um revolucionário sistema de transpor-

te público individual em Paris que acabou nunca sendo implementado (1992).

No contexto anglo-saxão, outro autor com importantes formulações sobre a técnica é Tim Ingold (2000), cujo entendimento sobre pessoa, técnica e ambiente é a de categorias não estanques ou distintas, e que atuam de forma integrada nas experiências culturais. Influenciado pela antropologia da técnica francesa, este autor indica, através da noção de *skill* por ele formulada, que a cultura não se constitui a partir de representações, mas sim por modos particulares de ação e interação em processos práticos. O antropólogo britânico entende que não é possível conceber os indivíduos independentemente das habilidades adquiridas em processos laborais aos quais estão inseridos.

Enquanto isso, no contexto nacional, pesquisas com olhares atentos aos processos técnicos surgem na primeira década do século XXI. Um desses estudos, pioneiro do campo no Brasil, foi empreendido por Fábio Mura (2000) a respeito das habitações kaiowa com importantes contribuições para a conexão entre técnica, organização social e política. Além deste, podemos destacar também o estudo de Carlos Sautchuk (2007), uma etnografia sobre os pescadores laguistas e marítimos de Sucurijú-AP. Nele o autor focaliza os processos técnicos e disto conclui que, para além da eficiência produtiva, a pesca é capaz de engendrar configurações particulares de pessoa. Dessa forma, o núcleo de seu argumento consiste na proposição de que a técnica trata-se de um ato capaz de transformar o meio (seres e coisas) e o próprio homem. Como se vê pelo perfil destes trabalhos, a abordagem das técnicas em antropologia no Brasil vem buscando potencializar temas clássicos da disciplina, a partir de uma abordagem teórico-metodológica peculiar, baseada na imersão nas ações técnicas.

Herdeiros dos desdobramentos deste campo de estudos, como pontua Sautchuk (2017), hoje compreendemos a técnica como uma relação que vai além da esfera humana; que pode ser mediada por objetos; motivada por alguma finalidade, eficácia ou *devoir*; e como prática de sentido para os coletivos envolvidos. De uma forma geral, seu estudo tem ajudado a antropologia na tarefa de refletir criticamente sobre categorias e aparatos conceituais que criamos para ordenar o mundo, ao rediscutir, segundo Sautchuk (2017, p. 12), “os pressupostos presentes na modernidade ocidental cujo acionamento irrefletido leva, invariavelmente, a etnocentrismos”. Dessa forma, a antropologia da técni-



ca tem sido reconhecida por sua oposição a dicotomias do tipo sujeito/objeto, técnica/tecnologia, natureza/cultura e indivíduo/sociedade. Contribuindo, assim como outros campos de estudos (pós-coloniais, antropologia feminista e etnografias multiespécies), para tornar a nossa disciplina menos antropocentrada. Em resumo podemos indicar que, no que diz respeito ao aspecto conceitual, na contemporaneidade, os trabalhos sobre técnica a partir de uma perspectiva antropológica costumam adotar algumas preocupações e cautelas: 1) a oposição entre técnica (tradicional) e tecnologia (moderna); 2) o do tratamento do fenômeno técnico como ação mediadora; 3) a elaboração (ou redefinição) de conceitos e métodos mais ajustados ao fenômeno estudado.

Influenciados por essa discussão, procuramos reunir neste dossiê trabalhos que apontam para o estabelecimento da técnica enquanto problema empírico e reflexão epistemológica. Isto foi feito, no entanto, sem perder de vista um dos principais potenciais desta abordagem, que é justamente a abertura para conexões múltiplas com outros campos de investigação antropológica, com o mergulho em campos etnográficos muito diversos. Desta forma, o leitor encontrará aqui artigos que se debruçam sobre processos sociotécnicos, entendendo-os como resultantes de interações entre humanos, artefatos, animais e o ambiente de modo geral. Também, estudos que se voltaram sobre modos de produção e circulação, processos de transformação, aprendizagem, e dialógos de saberes.

A marca deste coletivo de artigos é a sua grande diversidade, considerada em vários aspectos: oriundas de campos tão distintos quanto o das tecnicidades do fogo no gerais do Jalapão, no Tocantins; ou o da criatividade nas salas de aula de um curso superior de design no Rio Grande do Sul; enfocando atividades de fabricação, como nos casos da renda de bilro no litoral cearense e do *bichinho* mbyá-guarani, ou técnicas de caça de perdizes na fronteira Brasil-Uruguai; baseando-se em uma etnografia multiescalar das técnicas relativas a plantas medicinais de ribeirinhos amazônidas e farmacólogos; ou em um estudo conceitual a respeito de teorias antropológicas sobre técnicas de navegação. É preciso ressaltar que, embora haja convergências, cada autor e autora aqui presente lança mão da abordagem das técnicas de maneira peculiar, na medida em que seus campos e temáticas demandam.

Abre o dossiê uma profícua reflexão de Guilherme Moura Fagundes a respeito da tecnicidade do fogo no gerais do Jalapão, região de peculiar tipo de cerrado no estado do Tocantins. Inspirado na antropologia da ação de André-Georges Haudricourt, o autor etnografa múltiplos modos de existência do fogo neste ambiente específico, que emergem em relação a diferentes sujeitos. O artigo traz contribuições da antropologia das técnicas para alargar a compreensão da gestão de áreas naturais protegidas, bem como da relação entre saberes científicos e de populações locais.

Do Jalapão passamos aos campos uruguaios, próximos à fronteira com o Brasil, por meio da descrição que Paulo Olivier Rodrigues faz da caça de perdizes realizada por conjuntos de homens e cadelas. O estudo é baseado em uma perspectiva ecológica, ou seja, trata-se de um estudo da caça e dos caçadores, humanos e caninos, em seu ambiente, e não o estudo das representações daqueles sobre o ambiente. O artigo é de especial interesse por abordar etnograficamente um tipo de caça, a esportiva, ainda pouco estudada no Brasil.

De paisagens naturais rumamos ao ambiente universitário, com o estudo de Rafael da Silva Malhão a respeito do desenvolvimento de uma “tecnologia assistiva”, com o processo de adaptação de cadeiras escolares para pessoas com deficiência em uma disciplina de um curso superior em design. O autor traz à baila um tema clássico dos estudos sobre técnica, destacando a importância da perspectiva dos usuários e da criatividade técnica. A partir de reflexões sobre o campo do design, Malhão nos oferece uma reflexão sobre a relação entre processos técnicos e normatividades econômicas em que os primeiros não estejam submetidos às segundas.

A criatividade também é um ponto importante no estudo de Júlia Dias Escobar Brussi a respeito da renda de bilro no litoral do Ceará, enfocada a partir dos processos de aprendizagem. O artigo de Brussi discute as transformações na aprendizagem desta atividade, da casa ao curso, ou seja, da aprendizagem no cotidiano das famílias rendeiras aos recentes cursos oferecidos, demonstrando que, de maneira contrária a certas visões que opõem educação informal e formal, o aprender a fazer renda em casa e no curso tem em comum uma dimensão de aprendizagem na prática.

Ainda no universo da fabricação de objetos, Júlia Faraco descreve e discute o processo de fabricação dos *bichinhos*, esculturas em madeira piro-

grafadas produzidas pelos Mbyá-Guarani em Santa Catarina. Lançando mão da cadeia operatória como instrumento metodológico de imersão no processo de produção destes característicos objetos, a autora defende que o “fazer bichinho” dá índices da forma Mbyá-guarani de apreender o mundo.

Apoiando-se numa perspectiva simétrica da técnica, Diego Soares da Silveira nos fornece uma reflexão original sobre a produção de fitoterápicos e outros produtos naturais a partir de espécies vegetais amazônicas por farmacólogos e ribeirinhos do Alto Amazonas. Sua análise, sustentada por pesquisa etnográfica, evidencia os diferentes entendimentos sobre a planta medicinal, bem como, a maneira como o diálogo de saberes se dá efetivamente. Desta forma, o autor nos ajuda a compreender que a relação tríade farmacólogo-ribeirinho-planta medicinal é permeada por múltiplas práticas de conhecimento que envolve um conjunto heterogêneo de técnicas.

Finalizando a sessão de artigos deste dossiê, Victor Vieira, num exercício refinado de investigação teórica sobre as formas de navegação nas Ilhas Carolinas e Ilhas Marshall, na Micronésia, empreende uma discussão sobre as duas abordagens teóricas prevalentes sobre navegação na antropologia – a teoria cognitiva da navegação e a teoria do descobrir caminho. De forma bastante lúcida, o autor enfatiza as possibilidades e os limites de cada abordagem, argumentando pela complementaridade destes aparatos teóricos no estudo antropológico da navegação.

Pelo conjunto da obra, esperamos que o presente dossiê contribua para ampliar as discussões sobre o campo da antropologia das técnicas no Brasil, através da circulação de sete ótimos artigos escritos por pesquisadores que vivem diferentes momentos em sua formação: de mestrandos a professores doutores.

Por fim, nós organizadores do presente volume, agradecemos à comissão editorial da Revista Equatorial pela oportunidade aberta à temática proposta, à Angela Mercedes Facundo Navia e João Pedro Rocha Fernandes de Santanna pela revisão dos resumos em língua estrangeira, às autoras e autores que confiaram seus trabalhos ao processo editorial, bem como aos pareceristas que dedicaram seu tempo e expertise a avaliar os artigos.

Desejamos a todos uma ótima leitura.

Referências

HAUDRICOURT, A.G. “Domesticação de animais, cultivo de plantas e tratamento do outro”. Série Tradução. Dep. Antropologia/UnB, 2014 [1962].

INGOLD, Tim. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2000.

LATOUR, Bruno. *Aramis ou l'amour des techniques*. Paris: Éditions la découverte, 1992.

_____. *Jamais fomos modernos: ensaios de antropologia simétrica*. São Paulo; Editora 34, 1994 [1991].

LATOUR, Bruno & LEMONNIER, Pierre (org.). *De la préhistoire aux missiles balistiques. L'intelligence sociale des techniques*. Paris/Québec: La Découverte, 1994.

LEMONNIER, Pierre (org.). *Technological choices: transformation in material cultures since the Neolithic*. London: Routledge, 1993.

LEROI-GOURHAN, André. *Evolução e técnicas I - O homem e a matéria*. Lisboa: Edições 70, 1984a [1943].

_____. *Evolução e técnicas II: o meio e as técnicas*. Lisboa: Edições 70, 1984b [1945].

_____. *O Gesto e a Palavra: 2- Memória e Ritmos*. Lisboa: Edições 70, 1990 [1965].

MAUSS, Marcel. “Les techniques et la technologie”. In: *Oeuvres*. 3. *Cohésion sociale et division de la sociologie*. p. 250-256.

_____. *As técnicas do corpo* In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosacnaify, 2003.

MURA, Fabio. *Habitações kaiowa: formas, propriedades técnicas e organização social*. Dissertação Mestrado em Antropologia Social, Museu Nacional/UFRJ, 2000.

SAUTCHUK, Carlos Emanuel. *O Arpão e o Anzol: técnica e pessoa no estuário do Amazonas (Vila Sucuriju, Amapá)*. Tese de doutorado. DAN/UnB, 2007.

_____. Apresentação. In: *Técnica e transformação : perspectivas antropológicas / organização de Carlos Emanuel Sautchuk*. -- Rio de Janeiro : ABA Publicações, 2017. 500 p.

SIGAUT, François. “La formule de Mauss” In: *Techniques & Culture*, N. 40, 2003.